

FERNANDO DE PAÇOS
OBRA POÉTICA



BIBLIOTECA DE AUTORES
PORTUGUESES



Título: Obra Poética
Autor: Fernando de Paços
Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda
Concepção gráfica: Departamento Editorial da INCM
Capa: desenho de António Vaz Pereira (1953)
Revisão do texto: Paula Lobo
Tiragem: 800 exemplares
Data de impressão: Março de 2005
ISBN: 972-27-1385-X
Depósito legal: 222 944/05

PREFÁCIO

Ao reunir-se neste volume a obra poética de Fernando de Paços — os quatro livros de poemas que publicou —, não só se faculta a um público mais alargado o acesso a uma poesia que o Autor muito pouco se preocupou de divulgar — quase só editando quando cedia a amigáveis pressões —, mas também, e creio mais importante, se possibilita ao leitor uma visão completa e coerente, por assim dizer orgânica, dessa poesia escrita ao longo de cinquenta anos.

Com efeito, entre esses quatro livros de inspiração e tonalidade afectiva por vezes muito diferente, de expressão poética surpreendentemente variada, há uma relação constante e profunda — dir-se-ia um veio de água subterrânea, que, oculto, atravessa terrenos de textura e relevo diferentes, mas mantém intacta a sua pureza e a sua força renovadora e fertilizante. É mais ou outra coisa que a natural unidade de uma personalidade que se conserva na diversidade da obra. Apetece dizer que é aquele «fio inviolável de luz imanente» que o poeta recebe de uma estrela e que perdura, «ainda perdura» e transluz, atravessando sombras, e mantém a secreta mensagem do infinito, a espera (que pode ser dorida e ansiosa ou apaziguada e jubilosa) de um encontro, de uma revelação, de uma liberdade e de uma plenitude que o mundo não dá.

O prefácio de um livro de autêntica poesia devia ser um átrio de silêncio, onde o leitor, antes de entrar no santuário da

poesia se despojasse de preconceitos — literários e outros — e se abrisse, expectante mas desprevenido, ao encanto que lá dentro o espera. Isto equivale quase a dizer que o prefácio de um livro de poesia deveria começar por não existir...

Talvez Fernando de Paços pensasse assim em relação aos seus livros. Não, de modo nenhum, por ter a sua obra em tão alta conta que a julgasse acima e fora do alcance do comentário e da crítica. Mas sim porque esse poeta singular — que passou a vida sempre ligado ao mundo literário, convivendo com escritores e editores, críticos e jornalistas, que colaborou desde moço em revistas e cadernos de poesia e que na actividade profissional, com requinte de artista e escrúpulo de beneditino, deu corpo às mais altas obras da literatura universal — foi o menos «literato», o menos assumidamente homem de letras de entre os escritores que conheci. Não só não cultivava a sua fama nem curava da sua imagem, como, pelo contrário, se apagava, mas naturalmente, sem exhibições de modéstia e declarações de princípio: apagava-se, realmente desprendido do que se passasse em volta do seu nome ou da sua obra.

Esta disposição de espírito, aliás, não dizia respeito apenas à actividade literária, era nele um traço dominante da personalidade que lhe marcava a vida: o desprendimento de si, simétrico (para usar uma palavra de que ele gostava) da delicada, discreta e generosa atenção que dedicava aos outros, grandes e pequenos, amigos e menos amigos, ou até desconhecidos que dele se abeirassem.

Assim, ao longo de uma vida exemplarmente vivida, Fernando de Paços escolheu o silêncio como átrio do Mistério.

Esse desprendimento do eu vai progressivamente ao longo da obra modelando a expressão lírica: nesta poesia sempre marcada por uma vida interior intensa e fecunda, o eu lírico liberta-se da exclusiva e directa atenção a si mesmo e aos seus dramas. À medida que amadurece e se abre para o mundo, o eu deixa de ser o centro obsidiante da inspiração, como era no primeiro livro, Fuga, publicado aos 20 anos, quase diário interior de uma adolescência sofrida na busca de si mesmo, no sentimento agridoce de ser diferente dos outros — desses que se realizam no efémero: «Realizam-se... e passam. / Eu, irrea-

lizado, / Espero a Hora.» O desejo de evasão a uma realidade que não pode satisfazer os seus «ocultos desejos de infinito» e, através das sombras, o transluzir de uma esperança cristã que se resolve em entrega ardente e em sacrifício — tudo afinal se condensa no drama pessoal de uma dolorosa introspecção.

Pouco a pouco, como uma flor que desabrocha ainda sob a chuva da Primavera (e as imagens de flores orvalhadas ou desfolhadas pela chuva reaparecem com significativa frequência nesta poesia), o eu desperta da contemplação exclusiva do seu próprio drama; descobre, ainda hesitante e já levemente céptico, o encanto do mundo que o envolve; pressente, para além das cortinas de bruma que o fechavam, os contornos de uma realidade por certo efémera e ilusória, mas nem por isso menos bela e apetecida.

É o tempo — fértil — d'O Fértil Jardim, publicado em 1953 nas edições da Távola Redonda. Livro precioso, que revela a plenitude de uma autêntica e original inspiração, e marca ao mesmo tempo uma etapa decisiva no percurso interior de que as obras de Fernando de Paços vão dando testemunho. Nestes versos parece agora insinuar-se, delicada, íntima e comovidamente, a descoberta de uma nova perspectiva, de uma nova forma de aceitar a condição de viver.

O outro — tu ou eles — começa a estar latente neste universo poético; o apelo — suave e às vezes irónico — à compreensão do outro; o sonho de uma realização pessoal que afinal conduza à comunhão e à partilha — são as linhas desse «projecto / de que não sei que pensar», o projecto do «fértil jardim»: «Ai, como será tão belo o meu jardim! / Quem tiver sede da minha água / virá procurar a minha fonte. / Ou foi inutilmente que vim?»

A atenção recém-desperta aos aspectos novos e belos da realidade (vividros?, sonhados? — não importa, cantados num verso cada vez mais dúctil e mais subtilmente simples) exprime-se de uma forma genuinamente poética, não em descrição, não em visualização plástica, mas em pura música verbal («Eu era o homem do realejo: / possuo sons, não o que vejo», diz de si o poeta nesta época).

Possui sons — e assim ficará por toda a vida, modulando em sons a intuição de momentos únicos, rápidos lampejos, em que os sentidos se confundem com a alma — com a alma fi-

nalmente liberta, pairando sobre as coisas amadas, e abrindo-se para o Mistério que as envolve e penetra.

Assim, nesse desejo de comunhão com os outros — diálogo, dádiva, amor —, como na descoberta do encanto do mundo, o «fértil jardim», a princípio frio e deserto, vai-se povoando, humanizando no sonho: «Parque, talvez... / Um recinto. / Em toda a área / pressinto / a bela grandeza vária / de viver.»

Assim o poeta aceita a condição de viver com os outros no mundo. Mas lucidamente reconhece que, por mais que sinta «a beleza grande e vária de viver», permanece nele a insanável melancolia da efemeridade das coisas e a interrogação, quase cantada em surdina, sobre o mistério do ser: «Quem somos? Para onde vamos?»

Assim o «infinito fio inviolável de luz imanente» continua a percorrer esta poesia em que os elementos pessoais — o sentido da frustração, a doce nostalgia da infância, um transluzir do amor humano, a consciência da própria condição de poeta — adquirem, mais sugeridos e feitos música verbal do que descritos, aquela dimensão peculiar de mistério pressentido e religiosamente amado.

Para o Mistério se abrirá cada vez mais a poesia de Fernando de Paços, à medida que o tempo avança e a experiência vivida o leva a confrontar-se com o mundo enigmático das aparências.

Da dureza desse confronto dá notícia o seu terceiro livro, *O Segundo Dilúvio*, publicado em 1963.

O jovem poeta que dez anos antes descobria, surpreso e quase incrédulo, «a beleza grande e vária de viver» conhece agora o reverso dessa aventura maravilhosa.

A imagem do mundo desfigurou-se. Agora, mais do que a antiga injustiça, mais do que o erro e a loucura que desde sempre os poetas denunciaram no velho tema do «desconcerto do Mundo», é o monstruoso equívoco que espolia da própria alma os humanos massificados, escravizando-os às meras aparências e apetências terrenas e fechando-lhes assim o horizonte da Esperança.

Perante a falência de um mundo — hipercivilizado — que selvaticamente ignora, destrói ou avilta e explora valores divinos e humanos, o poeta não especula nem moraliza: intuindo,

com rara lucidez visionária, os sinais de um fim inelutável, de um fim de mundo que soçobra, apático e como alheio nas águas desencadeadas da sua autodestruição, actualiza, em breves e pungentes visões, esse drama escatológico.

Mergulhados num clima de frio pavor silencioso («a escuridão nocturna corria a nossos pés»), assistimos, pelo poder de uma palavra poética tornada mais sóbria e rigorosa, à procição — «as almas, sob os moles corpos-ondas»; «lembrava o Olimpo, finalmente ocioso, / mas era a Terra, finalmente escrava».

Por momentos, o eu lírico parece conformado à condição de espectador que observa e relata. Mas a sua profunda e dolorosa participação na tragédia exprime-se em versos belíssimos, onde a indignação («Ó tropel de Anjos, acudi depressa! / [...] / A justiça!»), o pávido assombro («Oh nuvens sobre as nuvens sibilando, / Oh nuvens sibilando, / Oh derradeiros dias!...»), a mágoa pela ruína de um mundo apesar de tudo amado («Choro também o mundo que termina»).

E se, em geral, o eu que se expressava de forma directa e insistente em outras obras dá aqui lugar a um nós, significativo da inelutável solidariedade no destino dos humanos, também é certo que na primeira pessoa do singular continua a traduzir-se quase sempre o que há de mais íntimo e profundo no poeta: o refúgio da alma angustiada nos últimos redutos do sentimento («à flor da água a flor do amor aflo- ra...») e, sobretudo, o reacender de uma esperança que resiste mesmo quando tudo parece perdido e toma vulto no apelo a uma transcendência redentora. Assim, mesmo nas trevas do fim do mundo, brilha o fio ainda inviolável de luz imanente, que nenhuma sombra — nem o medo, nem a dúvida, nem o sofrimento — consegue extinguir.

O Segundo Dilúvio contém, aliás, alguns dos mais meditados e profundos poemas de inspiração religiosa escritos pelo Autor.

Parece importante neste ponto sublinhar que na poesia de Fernando de Paços há uma como renovação da expressão poética da Fé cristã no lirismo português — liberta do convencionalismo de um género devoto-sentimental.

Sem deixar de estar solidamente enraizada na Revelação e na Tradição, esta nova língua poética floresce, em símiles de

original beleza, nas alturas de uma espiritualidade muito pessoal, capaz de desterrar todo o orgulho de posse da verdade, ao reconhecer, assombrada e extática, o insondável mistério da vida e da morte, do homem e de Deus.

Na linha do mesmo assombro e do mesmo êxtase se situa o último livro de Fernando de Paços, A Jangada Aérea, publicado em 1995, onde se reúnem poemas desses trinta anos.

Mas, se é certo que assombro e êxtase permanecem na poesia desta última publicação, a verdade é que o tempo parece ter modelado, suavizando-os, os traços do perfil interior que este livro acaba de nos revelar. Completa-se aqui o percurso espiritual começado na inquietação da adolescência, vivido no fulgor da juventude, sofrido no choque com as contradições revoltantes do mundo...

Da indignação às vezes virulenta d'O Segundo Dilúvio (sobretudo nos «Outros poemas» que lhe estão apensos), da angústia perante a ruína de um mundo que se aviltou até à infâmia, e que só não parece definitivamente perdido porque um fio de luz prende o céu à terra; da amarga, às vezes quase irónica consciência de que estamos comprometidos num absurdo indecifrável — chega-se, afinal, à lúcida mas comovida visão de uma realidade misteriosa, que não podemos explicar, mas apenas amar.

Neste livro de maturidade, aquela serenidade já atrás tantas vezes invocada — «pedi-lhes [aos anjos] a infusão da serenidade» — parece descer sobre o poeta, sobre o leitor, sobre o mundo. Não é a impassibilidade do nirvana, nem a frieza aparente da indiferença ressentida: é uma paz conquistada através dos sofrimentos da vida, uma tranquilidade que não ignora e muito menos nega o mal e a dor, mas antes sobre eles derrama um bálsamo de caridade; uma aceitação do mistério que envolve e arrebatava o homem levado pela mão do Anjo, sem saber para onde...

Um olhar lúcido e melancólico sobre o mundo («É tão estranha a vida dos humanos!»), um aprofundamento cada vez mais límpido e uma expressão cada vez mais subtilmente musical e secreta dos afectos humanos, calidamente vividos, mas cercados sempre de um halo de eternidade. Uma compreensão do mal, da dor, do próprio absurdo — que não chegam para destruir o encanto das pequenas, belas e frágeis coisas da vida.

«A minha poesia há-de ter humanidade, / há-de tê-la, certamente», concedia o poeta muitos anos antes, respondendo com irónica bonomia às tentações programáticas da literatura do seu tempo.

Humanidade tem, sem dúvida, a poesia de Fernando de Paços, mas não no sentido um tanto restritivo que alguma literatura dos anos 50 ainda pretendia dar à palavra. Não se trata de humanitarismo, nem de redução do drama do homem à sua condição social. A humanidade é na obra de Fernando de Paços o sentido profundo da complexidade da vida e do destino dos homens na Terra. Afeiçoada pela experiência, amadurecida pela dor e pelo amor, esta poesia aponta, ainda e sempre, para uma transcendência que nos redima.

O natural desprendimento de si mesmo e do mundo — que jamais nele comprometeu ou afrouxou o amor e a compaixão — prolonga-se agora no anseio de liberdade e de elevação acima das nossas misérias e limitações, que percorre a poesia d'A Jangada Aérea: são anjos que arrebatam os homens, é o vento norte, é «Vanessa Cardui», é o bando dos pardais — outros tantos sinais ou chamamentos a um voo libertador. Já as águas negras e frias do dilúvio não podem submergir a Vida. Outros horizontes, outro rumo se abre ao homem que os abismos do Céu atraem.

E tudo termina nesse supremo impulso ascensional, nesse convite arrebatador — «vamos todos chamar o vento norte» — que nos envolve na mesma aventura sideral de busca do Infinito.

ESTHER DE LEMOS

FUGA



POEMA

1.ª edição: Poesia Nova, Porto, 1944.

Ao
ANTÓNIO MANUEL COUTO VIANA
e ao
JOAQUIM OLIVEIRA E SILVA,
meus amigos

MOMENTO

Portas fechadas a desejos incompletos,
Mitos e vozes da ânsia
De se ter...
Deixa bater a distância
Os corações inquietos
Como se fosse um livro proibido de se ler.

Dramas de tantos outros que procuram,
Na baça luz da aurora
Que a vida amanhece,
Tudo aquilo que ignoram e os ignora.
Eu não os creio. Vivem, esquecem
Aquilo que os esquece.

Esquecem, absortos
Nas almas de um mundo
Que para si construíram.
E, nas encruzilhadas do Mundo,
Vivos... ou mortos,
Giram.

Portas fechadas a desejos incompletos,
Mitos e vozes da ânsia
De se ter...

Deixá-los, a olharem a distância,
Inconcretos,
Porque vivem, inconscientes de viver.

Deixá-las, essas vidas que se têm procurado
E só, julgando saber, abraçam
Ilusões que o próprio ser desflora.
Realizam-se... e passam...
Eu, irrealizado,
Espero a Hora.

ÍNDICE

<i>Prefácio,</i> por ESTHER DE LEMOS	7
<i>FUGA</i>	15
Momento	19
Elegia vaga	21
Crepúsculo	23
Variante	24
Fuga	26
Longe	28
Intervalo	29
Mensagem	30
Alegoria	31
Salmo	33
Cântico	34
Resgate	35
<i>O FÉRTIL JARDIM</i>	37
<i>O SEGUNDO DILÚVIO</i>	63
O SEGUNDO DILÚVIO	65

OUTROS POEMAS	95
Os homens electrónicos	97
Quatro aviões a jacto	98
Anúnciação	99
Último dia	100
Forma correcta, álgido percurso	102
Marx	103
Única liberdade	104
Canção bárbara	105
<i>A JANGADA AÉREA</i>	109
Vou pela mão do anjo	113
Diálogo estético	115
Quem deteve o vento norte?	117
Já partem os barcos	118
Poema para Lou	119
Estátua de alabastro	120
E fomos rio acima... ..	121
Nas praias onde estamos... ..	122
Horas de paz	123
Tantos dias... ..	125
Ninguém, mais do que tu... ..	126
Díptico	128
Vanessa Cardui	130
Meu filho... ..	132
O Verão na lagoa	134
O poeta abandonado	136
Aqueles que sabem menos do que nós	138
Ofélia	139
Novo magnificat	140
A caminho de Assis	141
Ídolo cicládico	142
Oração sobre um sarcófago aberto	143
Oração sobre o cadáver de um fumador de haxixe	144
Balada para um S. O. S. espiritual	147
Felizes são... ..	149
Aqueles que ficaram	150
Transparência	151
Proclamação	152
Jangada aérea	153